

**SEMIÓTICA DA TEMPORALIZAÇÃO: ANÁLISE DA CENA
DO BARCO EM O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO (1991)
DE JOSÉ SARAMAGO**

**SEMIOTICS OF TEMPORALIZATION: ANALYSIS OF *THE
BOAT SCENE IN THE GOSPEL ACCORDING TO JESUS CHRIST*
(1991) BY JOSÉ SARAMAGO**

Ricardo Loiola Vieira¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo desvelar os eixos da dimensão temporal que ocorrem na cena do barco no romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (2017 [1991]), de José Saramago. Para tanto, utiliza-se, como método analítico, a teoria semiótica discursiva e as problematizações oferecidas em relação à temporalização por Aristóteles (2006), Agostinho (1999) e Benveniste (1989). Tendo como base metodológica as proposições do *Dicionário de Semiótica I* (2021), de Greimas e Courtés, acerca das constituintes da temporalização discursiva, foram escolhidos três valores a este respeito, os quais serão utilizados para discutir, primeiro, como os elementos narrativos e discursivos contribuem para a construção da programação temporal; segundo, como a localização temporal, dada no capítulo escolhido, é sincopada pela recção da subjetividade sobre a objetividade; e terceiro, relacionar os resultados encontrados com os temas mais amplos do romance, como a humanização de Jesus, o questionamento do divino e a condição existencial humana, para, então, discutir a aspectualização do(s) tempo(s) narrado(s). Com esta reflexão, espera-se explicitar o modo pelo qual a temporalização influencia na valoração das ideias concernentes a um texto literário.

Palavras-chave: Temporalização, Texto literário, Saramago, Semiótica.

ABSTRACT

This article aims to unveil the axes of the temporal dimension present in the boat scene of the novel *The Gospel According to Jesus Christ* (2017 [1991]), by José Saramago. To this end, the analytical method employed is discursive semiotic theory, along with the problematizations concerning temporalization proposed by Aristotle (2006), Augustine (1999), and Benveniste (1989). Based on the methodological propositions found in *Dictionary of Semiotics I* (2021), by Greimas and Courtés, regarding the components of discursive temporalization, three values were selected in this regard. These will be used to discuss, first, how narrative and discursive

¹ Doutorando em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo/USP (2024-2028); mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos/UFSCar (2021-2023); pós-graduado em Língua Portuguesa e Literatura (2019-2021). E-mail: profricardo.letas@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0457446348246092>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0045-2883>.

elements contribute to the construction of temporal programming; second, how the temporal location, as given in the selected chapter, is syncopated by the influence of subjectivity over objectivity; and third, to relate the findings to broader themes in the novel, such as the humanization of Jesus, the questioning of the divine, and the human existential condition, in order to then discuss the aspectualization of the narrated time(s). Through this reflection, the aim is to clarify how temporalization influences the valuation of ideas concerning a literary text.

Keywords: Temporalization, Literary text, Saramago, Semiotics.

Introdução

Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo.

José Saramago

Festina lente.

César Augusto

Sabe-se que o texto literário, ao longo da história, carrega estruturas e formas que influenciam tanto a sua produção quanto a dimensão com que a obra afeta, direta e indiretamente, o autor e o leitor – figuras a quem denominaremos, respectivamente, enunciador e enunciatário, enquanto projeções discursivas dos primeiros, haja vista a proposta semiótica empreendida no presente trabalho. Sendo assim, interessa-nos analisar de que modo a temporalização pode ser um elemento de destaque no romance de José Saramago *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, a partir da cena do barco² (Saramago, 2017, p. 361–398).

Para essa finalidade, utilizamos, como método analítico, a teoria semiótica discursiva³ e as problematizações oferecidas em relação à temporalização por Aristóteles (2006), Agostinho (1999) e Benveniste (1989). Por meio desse referencial teórico, buscamos explorar como a temporalidade é construída enquanto efeito de sentido na obra de Saramago.

Metodologicamente, fundamentamos nossa análise no *Dicionário de Semiótica I*, de Greimas e Courtés (2021; a obra original foi publicada em 1979), para abordar três eixos semânticos constituintes do tempo no discurso. Primeiramente, discutimos como os elementos narrativos e discursivos contribuem para a construção e significação do tempo, através da programação temporal. Em seguida, analisamos como a localização temporal, na passagem do barco, é constituída por meio de uma síncope do tempo cronológico pela temporalidade subjetiva. Finalmente, relacionamos os resultados encontrados com os

² Usaremos as formas textuais: *do barco* e *da barca*, pois é o modo como Saramago nos apresenta o espaço narrado no capítulo em destaque.

³ Também conhecida como semiótica francesa, semiótica da Escola de Paris ou semiótica discursiva.

temas mais amplos do romance, como a humanização de Jesus, o questionamento do divino e a condição existencial humana, para discutir a aspectualização do(s) tempo(s) narrado(s).

Portanto, com esta reflexão, esperamos explicitar o modo pelo qual a temporalização motiva a valoração das ideias concernentes a um texto literário quando inscrita nele, o que demonstra a profundidade e a sofisticação da narrativa de Saramago, e como os efeitos de sentido decorrentes das operações de temporalização são utilizados para enriquecer a experiência interpretativa do enunciatário do texto. Assim, a análise semiótica empregada revela camadas de significado que aprimoram a compreensão da complexidade temporal na enunciação saramaguiana⁴.

1 Metodologia semiótica da temporalização

O conceito de *temporalização*, segundo Greimas e Courtés (2021, p. 497), é apresentado como a estruturação do tempo dentro de um texto, referindo-se à maneira como os eventos são organizados cronologicamente, de modo a criar o efeito de sentido *temporalidade*. Com isso, transforma-se uma organização narrativa em história/enredo. Segundo os autores, a temporalização é um dos subcomponentes da discursivização, assim como a espacialização e a actorialização, responsáveis por recobrir os elementos abstratos do percurso gerativo de sentido por figuras concretas de certo tempo, lugar e atores próprios de cada enunciado.

O *percurso gerativo de sentido* é analisado a partir de duas estruturas principais: a *semionarrativa*, espaço das articulações abstratas do texto, subdividida em nível fundamental e nível narrativo. Nestes dois níveis, não se trata de sequências ou estados temporais, mas de articulações lógicas entre funções e posições axiológicas. Como se observará em nossa análise, mesmo noções consagradas, como a de personagem, comum nos estudos literários, sofrem uma cisão na abordagem semiótica, desdobrando-se em duas concepções próprias do processo de actorialização: a de *actante*, função narrativa assumida por sujeitos e objetos no nível narrativo; e a de *ator*, recobrimento semântico da estrutura actancial por temas e figuras concretas, que acompanha a temporalização na

⁴ O verbete *saramaguiano(a)* é criado a partir do nome do escritor José Saramago, como uma forma de adjetivar algo relacionado a ele ou às suas obras. *Saramaguiano* é utilizado para descrever o estilo literário característico do autor, que é conhecido por suas frases longas, pouca pontuação, temas profundos e posicionamento crítico.

estrutura superficial, conferindo-lhes características idiossincráticas no chamado nível discursivo.

Na estrutura superficial, a temporalização assume lugar teórico ativo para a construção do sentido, dado que molda as dinâmicas textuais e influencia a evolução das relações e conflitos entre os actantes da narrativa. Tal abordagem permite entender como a temporalização não apenas organiza, mas também intensifica a significação e o engajamento do enunciatário aos conteúdos enunciados, através de camadas mais complexas de interpretação do texto. Assim, consoante a proposta metodológica da semiótica discursiva (Greimas; Courtés, 2021, p. 497), assumimos que a programação, a localização e a aspectualização temporais, discutidas em pormenor na seção seguinte, são componentes da temporalização discursiva que auxiliam a compreensão da estrutura literária nas obras de José Saramago, de modo a oferecer ao enunciatário uma experiência interpretativa mais eficiente.

2 A temporalização na cena do barco em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*

A fim de explorar temas existenciais imprescindíveis, como a eternidade, a mortalidade e a percepção subjetiva do tempo, o enunciador saramaguiano engendra uma enunciação com camadas interpretativas de ampla significação no processo de geração de sentido, conforme o simulacro metodológico proposto pela semiótica greimasiana ajuda a depreender. Na análise que se segue, fazemos uso apenas de uma das ferramentas do ferramental metodológico da semiótica, a saber, os eixos constitutivos da temporalização, conforme definida anteriormente, para analisar as questões temporais na cena escolhida como *corpus* de aplicação em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, na qual Jesus encontra Deus e o Diabo/Pastor⁵, ao que temos denominado de *cena do barco*.

⁵ Faremos uso, neste artigo, das formas textuais *Diabo* e *Pastor*, uma vez que representam diferentes manifestações de um mesmo ator do enunciado. Outra observação pertinente ao episódio do capítulo do barco refere-se ao comportamento do enunciador saramaguiano que, não apenas em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, mas também em outras obras, frequentemente não distingue os substantivos próprios por meio do uso consistente da letra maiúscula inicial. Na verdade, ora os utiliza, ora não. Esse procedimento contribui para a textualização de um discurso de subversão da literatura canônica, tradicionalmente alinhada à norma-padrão. Além disso, vale ressaltar a subversão do discurso religioso cristão: no Cristianismo, *Deus* é invariavelmente grafado com inicial maiúscula, de modo a sugerir sua unicidade; ao contrariar essa convenção, o texto saramaguiano opera mais uma ruptura com o cânone.

Consideramos essencial realizar uma síntese contextual do capítulo (Saramago, 2017, p. 361-398), a fim de abordarmos como o enunciador saramaguiano utiliza um cenário natural e isolado para explorar temas profundos e complexos. Na cena, Jesus está em um barco, no meio do mar e em meio a um nevoeiro, por meio do qual nada se vê do lado de fora, mas, ainda assim, percebe duas figuras distintas: Deus, figura da autoridade, do poder e do controle, e o Diabo, contraparte da dúvida, da tentação e do questionamento.

A interação entre eles manifesta uma dinâmica de tensão, em que o filho de Deus é confrontado, por um lado, com sua identidade humana e, por outro lado, com sua suposta missão divina e escatológica. Deus, com sua voz e presença imponentes, delinea o destino de seu filho, enquanto o Pastor, com persuasão sutil, incita reflexões sobre liberdade e sofrimento. Este encontro, carregado de discursos religiosos subversivos e indagadores, sobretudo no que concerne à atorialização de Jesus, articula uma narrativa que transcende o espaço físico da barca, o que leva à temporalização de um confronto existencial e espiritual que define o enredo e o destino dos atores do enunciado envolvidos. O Messias é defrontado continuamente acerca de sua própria existência etérea e responsabilidade frente à sua condição humana.

O fato narrado dura quarenta dias, contados pelos discípulos de Cristo que o aguardavam angustiados fora do espaço descrito. A duração de quarenta dias, entretanto, não é uma escolha aleatória do enunciador do texto, uma vez que o Dilúvio e a estada de Moisés no Monte Sinai, ambos bíblicos, gozam das mesmas temporalizações. Nesse sentido, vale destacar a intertextualidade do evangelho com o Pentateuco⁶. No livro de Gênesis (2008, 7:12), a Bíblia descreve que "a chuva caiu sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites" e, no Êxodo (2008, 24:18), "Moisés entrou na nuvem e subiu à montanha [e] permaneceu na montanha quarenta dias e quarenta noites". Assim, a retomada deste elemento temporal pelo evangelista, tanto bíblico quanto saramaguiano, trabalha em prol de um fazer argumentativo (fazer-crer) do enunciatário visado na reconstrução de significados realizada na cena do barco, levando-o a refletir sobre a potencialidade da manifestação poética da linguagem literária.

⁶ O Pentateuco, ou Torá, é o nome dado aos cinco primeiros livros da Bíblia. Para o cristianismo, esses livros formam a base do Antigo Testamento e preparam o caminho para a vinda de Cristo. O termo vem da justaposição de dois radicais gregos: *penta* (cinco) + *teuchos* (livros ou rolos), ou seja, "cinco livros"

Nossa escolha por este fragmento do livro, embora existam outros proeminentes à análise temporal, justifica-se pelo fato de que a construção de sentido da narrativa decorre em um lugar que mais parece um limbo existencial. A passagem do tempo permanece suspensa às divindades envolvidas, inclusive para o Cristo, que, quando questionado no momento de sua saída, presume ter ficado lá apenas por um dia, conforme verificamos na citação abaixo.

[...] Sabes quanto tempo estiveste no mar, no meio do nevoeiro, sem que nós pudéssemos lançar os nossos barcos à água, que uma força invencível de cada vez nos empurrava para trás, perguntou Simão, O dia todo, foi a resposta de Jesus, um dia e uma noite, acrescentou, para corresponder a excitação de Simão com uma expectativa semelhante, Quarenta dias, gritou Simão, e em voz mais baixa, Quarenta dias estiveste ali, quarenta dias em que o nevoeiro não se levantou nenhum bocadinho, como se quisesse esconder da nossa vista o que dentro dele se passava, que estiveste lá a fazer, que em quarenta contados dias nenhum só peixe nos foi permitido tirar destas águas [...] (Saramago, 2017, p. 392-393).

No episódio da barca, a percepção temporal de Jesus, Deus e o Diabo transcende a linearidade convencional, ponto que revela uma temporalidade fluida que desafia a cronologia humana. A pontualidade inexorável suspende a percepção da duração do tempo transcorrido no meio do nevoeiro. Como exemplifica o trecho da citação acima: “O dia todo, foi a resposta de Jesus, um dia e uma noite, acrescentou,” [...], a maleabilidade do tempo narrativo em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* destaca como o enunciador saramaguiano utiliza a temporalização como um componente imperioso à construção de sua obra.

2.1 Dos limites e limiares da programação temporal

O efeito de sentido decorrente de uma temporalidade distorcida não só reforça a dimensão metafísica e espiritual da história do Cristo, mas também sublinha a complexidade da experiência humana e divina na narrativa saramaguiana, uma vez que Jesus é humanizado e apresentado como um sujeito comum, inclusive questionador, muito diferente do Jesus bíblico. A neblina que envolve a barca simboliza, entre outros, a incerteza e a indefinição temporal, de modo a sugerir que a programação temporal desse discurso, no âmbito divino, é simultaneamente presente e ausente, linear e cíclica. Dito de outro modo, a temporalidade complexifica-se assim como é complexa a figura de Jesus, ao mesmo tempo divina e humana.

Para uma discussão mais abrangente das questões temporais em discurso, podemos retomar Aristóteles (2006), para primeiro pensar o tempo do mundo natural enquanto uma dimensão estritamente física, objetiva, dada pela cronologia, ou seja, o tempo inteligível. A natureza, por exemplo, caracteriza-se pela mudança, pelo constante movimento; logo, o tempo está em tudo e tudo está no tempo. A determinação do tempo, portanto, só é possível a partir da definição de uma anterioridade e uma posteridade cronológicas.

A projeção discursiva da logicidade do tempo aristotélico possibilita que o episódio da barca, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, ancore o tempo do enunciado nos limites e limiares de suas referências no mundo natural. Ao tempo da *existência* cronológica, as divindades – Deus, o Pastor e Jesus – sobredeterminam a *experiência*, tornando os limites em limiares temporais inaugurados sob novos regimes de significação. A temporalização é, aqui, marco para o estabelecimento de novas distinções semânticas entre estados, valores e papéis actanciais dos sujeitos envolvidos na cena do barco.

Assim, as balizas da programação temporal constituem-se como pontos de virada discursivos nos quais ocorrem mudanças também de caráter atorial e temporal que os sujeitos devem superar. No recorte em questão, é como se Deus e o Diabo só tivessem limiares, por serem divinos; isto é, não há fronteiras para ambos. Já Jesus, por ser semi- humano e semideus, enfrenta tensões a ele particulares ao tentar delimitar os seus limites e limiares figurativos. O tempo subjetivo impõe-se sobre o tempo objetivo. Tanto é assim que, quando volta à terra dos pescadores, tem uma espécie de confusão mental sobre o tempo decorrido em alto-mar. Apresentamos, a seguir, um dos fragmentos que sintetizam o conflito de Jesus em delimitar seus limites temporais objetivos e subjetivos.

[...] Cá estou, repetiu, espero ter chegado ainda a tempo de assistir à conversa, Já íamos bastante avançados nela, mas não tínhamos entrado no essencial, disse Deus, e, dirigindo-se a Jesus, Este é o diabo, de quem falávamos há pouco [...] (Saramago, 2017, p. 366).

Podemos assumir, por isso, que as fronteiras e transições temporais de ordem subjetiva moldam a dinâmica cronológica do tempo natural, de modo a contribuir para a construção de efeitos de sentido que aproximam o enunciatário dos conflitos internos das personagens. Ao atravessar esses limiares, os atores enfrentam desafios que redefinem

sua posição e identidade na história, principalmente no que diz respeito à figurativização de Cristo.

2.2 Da localização temporal

A concepção de uma apreensão temporal que modaliza o tempo natural aproxima-se das proposições de Agostinho (1999), visto que, para este filósofo, especialmente no Livro XI de suas *Confissões*, o conceito de tempo é uma criação de Deus e não pode existir sem a criação, daí a caracterização de uma temporalidade da percepção individual. O filósofo propõe que o passado, o presente e o futuro são modos de percepção humana: o passado existe como memória, o presente como atenção e o futuro como expectativa, conforme podemos constatar pelas palavras do autor, quando se questiona: “O que é, então, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; se desejo explicá-lo a quem pergunta, não sei” (Agostinho, 1999, Livro XI, capítulo 14).

Essa leitura intimista das localizações temporais por Agostinho (1999) demonstra a dimensão complexa e misteriosa do tempo quando assumido por um ponto de vista. O autor reconhece a dificuldade de definir o tempo, apesar de todos terem uma intuição sobre o que é. Para Agostinho, só o presente é realmente real, uma vez que o passado já passou e o futuro ainda não chegou. Essas reflexões de Agostinho (1999) são pertinentes em nossa análise, ao passo que a localização temporal define os modos como o tempo será assumido em discurso.

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, a discursivização segue uma linearidade cronológica que guia o leitor através da jornada de Jesus. No entanto, dentro dessa mesma linearidade, há momentos em que, especificamente naquele espaço, o tempo parece suspenso ou alentecido. O passado, o presente e o futuro convergem para a pontualidade de um único momento, especialmente em fragmentos de intensa reflexão ou confronto, como o descrito a seguir.

Jesus olhou de relance o pastor, mas o rosto dele parecia ausente, como se estivesse contemplando um momento no futuro e lhe custasse acreditar no que seus olhos viam. Jesus deixou cair os braços e disse, faça-se então em mim segundo a tua vontade (Saramago, 2017, p. 375).

A presença de Jesus, Deus e o Pastor em uma barca, no meio do nevoeiro, em um tempo ora objetivo, ora subjetivo, é uma recriação que joga com o tempo histórico de

maneira metafórica. Basta notar que o narrador descreve a personagem “contemplando um momento no futuro”, cuja origem ou direção é desconhecida pelos atores do enunciado e pelo enunciatário do texto.

Do ponto de vista semiótico, o tempo existencial e o experiencial são enfoques fulcrais à obra saramaguiana, pois o capítulo representa um momento de suspensão das localizações temporais, no qual as preocupações mundanas e cronológicas são eclipsadas pela introspecção e pela defrontação com questões eternas. Jesus está fadado a um não-lugar e a um não-tempo entre a vida terrena e sua missão divina, que aponta para um suposto limite. O nevoeiro descrito assume, aqui, papel de figura metafórica dessa incerteza.

Na escuridão da névoa, em cima do barco, a conversa entre Jesus, Deus e o Pastor não ocorre naturalmente. A suspensão do tempo objetivo pelo tempo subjetivo, portanto, é uma estratégia enunciativa para a instauração da dimensão mítica sobre a vida prática de Jesus. No plano mítico, a temporalidade não é mensurada em minutos ou horas, ou mesmo em dias, mas em termos imateriais de revelação e epifania. Essa descontinuação cria uma atmosfera narrativa onde as questões éticas fundamentais sobre o bem, o mal e o destino de Jesus podem ser exploradas sem a pressão do tempo cotidiano. Dessa forma, a temporalização é vetor que organiza os programas narrativos da cena analisada. As localizações temporais estruturam a transformação actancial de Jesus, suas interações com Deus e o Diabo, e as escolhas que ele faz.

2.3 Da aspectualização do(s) tempo(s) narrados(s)

A aspectualização faz com que as transformações narrativas sejam assumidas pelo ponto de vista de um actante observador que avalia o discurso-enunciado enquanto um processo (Greimas; Courtés, 2021, p. 39-40). Para melhor entender a aspectualização temporal na cena sob análise, faremos uma incursão nos postulados de Benveniste (1989), que assinala que todas as línguas possuem categorias básicas que refletem a experiência subjetiva dos indivíduos que se posicionam e se expressam na e pela linguagem. Duas dessas categorias fundamentais são o tempo e a pessoa.

Para Benveniste (1989), nenhuma forma linguística é mais reveladora de subjetividade que o tempo, porque recobre representações muito diferentes em cada língua (sistema linguístico), as quais são também maneiras de dar encadeamento às coisas

do mundo. Dessa forma, as línguas, que são muitas, oferecem construções diversas da realidade e, talvez, a maior divergência existente entre elas esteja na forma como elaboram seus sistemas temporais.

Por essa razão, Benveniste (1989) sistematiza o que considera sobre a temporalização: a) tempo físico – é um contínuo uniforme e infinito, segmentado à vontade. Seria o mais próximo do tempo com que trabalha Aristóteles; b) tempo psicológico – é o tempo interior, que varia ao sabor de nossas emoções e de nosso ritmo e estilo de vida. Está próximo do tempo discutido por Agostinho; c) tempo crônico – é o tempo dos acontecimentos, é o único que existe na vida humana e animal; d) tempo linguístico – visto como o tempo do discurso, da enunciação, propriamente.

Benveniste, a partir disso, envereda suas análises para os tempos crônico e linguístico.

Pode-se concluir, das considerações de Benveniste (1989), que é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo, sendo o tempo linguístico irreduzível ao tempo crônico ou ao tempo físico. Logo, o tempo linguístico é organicamente ligado ao exercício da fala. Ele se define e se ordena em função do modo como estão postos os discursos, pois a temporalização construída pelo enunciador, quando organiza seu discurso, passa a ser também a do enunciatário, seu interlocutor logicamente pressuposto. O hoje e o ontem daquele que fala passam a ser também o hoje e o ontem daquele que escuta.

O único tempo que existe para a língua, portanto, é o presente, e este é marcado pela concomitância entre o acontecimento e o discurso. Por conseguinte, esse presente é naturalmente implícito; não precisa ser explicitado, ao contrário do passado e do futuro. É a língua que os situa em relação ao ato de fala – para frente ou para trás (Benveniste, 1989). Com isso, na cena do barco de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, há uma dimensão temporal subjetiva que denuncia a aspectualização temporal realizada pelo enunciador. Isso pode ser apreendido por trechos como o mencionado a seguir.

“Diz lá, Tu és Deus, e Deus não pode senão responder com verdade a qualquer pergunta que se lhe faça, e, sendo Deus, *conhece todo tempo passado, a vida de hoje, que está no meio, e todo o tempo futuro*, Assim é, eu sou o tempo, a verdade e a vida, Então, diz-me, em nome de tudo o que dizer ser, como será o futuro depois da minha morte, que haverá nele que não haveria se eu não tivesse aceitado sacrificar-me à tua insatisfação, a esse desejo de reinar sobre mais gente e mais países. (Saramago, 2017, p. 375)

Assim, é presumível que o intercambiamento entre as diferentes instâncias manifestantes da temporalização, seja ela em qual frente for, quando aplicado ao quadro metodológico da semiótica francesa e direcionado ao capítulo literário em exercício, seja componente do efeito de sentido temporalidade (Greimas; Courtés, 2021, p. 497). A prosa de Saramago se vale de uma complexa estrutura temporal que não apenas acompanha a linearidade dos eventos, mas também adentra profundamente na subjetividade das experiências das personagens.

A cena da barca envolta em nevoeiro não apenas representa um momento de suspensão temporal, mas também instrui o leitor sobre a luta interna de Jesus entre o destino divino e suas incertezas humanas, através do modo como ele recorta a passagem do tempo. Esse uso do tempo narrativo, em que o cronológico se mistura com o psicológico e o espiritual, ambos de caráter subjetivo, exemplifica como a temporalidade na obra é empregada para realçar o desenvolvimento interior dos atores, e a tensão dramática é posta em evidência.

A descrição em detalhes das percepções de Jesus no barco, com suas dúvidas e medos, cria uma camada de temporalidade que é simultaneamente objetiva e subjetiva, da existência e da experiência, refletindo a complexidade da experiência humana do tempo como descrita por Benveniste (1989). Assim, o enunciador de Saramago, ao explorar essas dimensões temporais, enriquece a narrativa com penetração e significado, o que faz com que o enunciatário também experimente essa dualidade temporal.

Considerações finais

Neste artigo, procuramos demonstrar que, ao interagir com outros subcomponentes da sintaxe discursiva, a temporalização potencializa a narrativa saramaguiana, garantindo a adesão do enunciatário às nuances de sentido mobilizadas pela enunciação, posto que, em particular, há menções contínuas às questões temporais na narração da história de Jesus, o Cristo, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. A cena do barco, entendida aqui como o contexto temporal e material em que uma narrativa é apresentada, legítima e configura a relevância do plano do conteúdo.

A materialidade discursiva dos textos apresentados e as formas de temporalização se inter-relacionam para criar sentidos específicos que são valorados de diferentes maneiras, a depender do modo como o enunciatário apreende a narrativa. Depreende-se,

em conclusão, que a construção semiótica da temporalização, observada na cena do barco em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, estabelece uma ponte entre a narração bíblica tradicional e uma releitura contemporânea crítica.

Ao construir o tempo do enunciado, a enunciação saramaguiana desafia as percepções convencionais e convida os enunciatários-leitores a refletirem sobre a natureza da existência e daquilo que seria o divino. A temporalidade na obra, portanto, não é apenas um pano de fundo, mas uma circunstância significativa que dialoga diretamente com os atores do enunciado e com a própria essência narrativa, demonstrando como a projeção do tempo no discurso literário, quando analisada sob a perspectiva semiótica, revela efeitos de sentido particulares.

Foram analisadas as categorias temporais presentes na narrativa saramaguiana (Greimas; Courtés, 2021, p. 497) e como estas entrecruzam-se com noções de tempo segundo autores como Aristóteles (2006), Agostinho (1999) e Benveniste (1989). Através da análise de um enunciado específico, o do barco no meio do mar em névoa, observamos a utilização de diferentes formas de tempo – tempo cronológico, psicológico, das divindades etc. – para construir uma experiência narrativa complexa e plural de sentidos. Esses tipos de tempo não apenas situam eventos na linearidade histórica, mas também refletem as subjetividades e transformações internas dos atores envolvidos nos enunciados executados.

Portanto, com essas elaborações, ratificamos que o efeito de sentido temporalidade de uma narrativa é crucial para a atribuição de relevância ao seu plano de conteúdo, a fim de se verificar o modo como se dá o percurso gerativo de sentido. No caso de Saramago, a combinação de tempos históricos, existenciais e espirituais legitima e valoriza o discurso narrativo literário, criando uma cadeia de sentidos que vai além da simples sequência de eventos. A temporalização, assim, torna-se um mecanismo de legitimação do pensamento e da experiência humana, influenciando como o leitor percebe, valoriza e significa o texto.

Em suma, a semiótica da temporalização, tanto na esfera acadêmica quanto na literária, atua como uma abordagem de validação que transforma a percepção e a valoração dos conteúdos temporais em efeitos significativos, o que coloca em relevo as relações de valor entre sujeitos e objetos e as estruturas temporais que moldam a experiência do enunciatário.

Referências

- AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ARISTÓTELES. *Física*. Tradução de Giovanni Reale. São Paulo: Edipro, 2006.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1999.
- BARROS, Diana. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos de semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003a.
- BERTRAND, Denis. Narratividade e discursividade: pontos de referência e problemáticas. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, São Paulo, v. 30, n. 19, p. 9–50, 2003b. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2003.65567>.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém* – Nova edição, revista e ampliada. 5. imp. São Paulo: Paulus, 2008.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- GREIMAS, Algirdas; COURTÈS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2021 [1979].
- SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 [1991].

Recebido em: 04 de fevereiro de 2025

Aceito em: 03 de março de 2025